

Videoaula 2 – semana 11

Texto de apoio 2

Este texto de apoio foi extraído de uma obra ainda não publicada chamada “História e Mitologia dos Asanas”, de autoria de Carlos Eduardo G. Barbosa.

Os cinco espaços de Gorakshanatha

Embora tenhamos uma noção de que o espaço subjetivo da mente seja um só, é possível considerá-lo multidimensional, como um conjunto de espaços diferentes, todos eles igualmente disponíveis para o trabalho criativo da mente. Gorakshanatha, antes de entrar na definição dos oito componentes do yoga, menciona o espaço quádruplo, composto pelas cinco bases alternativas a partir das quais podemos iniciar a construção de um território (mandalam) mítico para o asanam. Ele descreve sucintamente esses espaços:

“Agora pode-se observar (lakshayet) o espaço (vyoman) quádruplo. Akasham, Parakasham, Mahakasham, Tattvakasham e Suryakasham são o espaço quádruplo. Pode-se observar, por fora e por dentro, o incomparável akasham, perfeitamente imaculado. Ou então pode-se ver abaixo, por fora e por dentro, o Parakasham semelhante às trevas. Pode-se ver abaixo, por fora e por dentro, o Mahakasham com a aparência do fogo do final dos tempos. Ou então pode-se ver abaixo, por fora e por dentro, o Tattvakasham na forma de um vazão que é a própria Natureza (tattvam). Ou então pode-se ver abaixo por fora e por dentro o Suryakasham com a semelhança [do brilho] de dez mil sóis. Assim é a aparência do espaço, pela visão quádrupla do espaço”¹.

Podemos traduzir esses nomes dos espaços míticos por: “brilho próprio” (Akasham); “brilho alheio” (Parakasham); “grande brilho” (Mahakasham); “brilho natural” (Tattvakasham); e “brilho solar” (Suryakasham). Cada um desses espaços existe na mente do meditador e pode servir como base para a construção do asanam, ou seja, do cenário mítico. Eles são colocados em ordem descendente, na qual o mais elevado é o Akasham (“brilho próprio”) que representa o espaço interno da mente no qual ela se torna capaz de expressar a sua natureza verdadeira – e, portanto, imaculada. Este é o espaço ideal para construir o asanam, pois todas as forças que ali se

¹ Siddha Siddhanta Paddhati 2, 30

manifestam são ajustadas à natureza própria (svarupam) do meditador. Esse é um espaço puro e protegido.

Os outros espaços subjetivos da mente estão carregados de interferências externas, que afetam a natureza do cenário do asanam, e por essa razão são inadequados à prática do yoga. Podem, no entanto, servir como pontes de acesso para o espaço ideal, quando não se tem a orientação de um preceptor capacitado para reeducar nossa mente e encaminhá-la diretamente para o espaço imaculado do Akasham. No Parakasham, a mente sofre a influência das opiniões de outras pessoas. No Mahakasham, a mente desenvolve um senso artificial de grandeza, carregado de orgulho e vaidade, e se recusa a ver que isso pode levá-la à destruição. No Tattvakasham a mente está à mercê das forças psíquicas ou materiais, sem oferecer resistência, e crê que está a ser espontânea em seus atos – quando por certo está a ser arrastada por apegos, aversões e outras manifestações da ausência de espírito. No Suryakasham, por fim, a mente está ofuscada pelo brilho dos estímulos sensoriais e das suas próprias fantasias, e se torna insensível à delicada interferência do si-mesmo em sua vida.

O praticante do yoga deve identificar dentro de si mesmo o espaço adequado para a elaboração do asanam, e então dar início à construção do cenário mítico de sua escolha. No aspecto específico de cada asanam, a imaginação do meditador precisa cultivar, no cenário que for criado por sua mente, as imagens e conceitos relacionados àquele asanam em particular. No caso do asanam do leão, por exemplo, o meditador poderá incorporar ao cenário elementos como o Sol, a floresta, o homem-leão mitológico ou algum outro elemento mítico que ajude a intensificar a força daquele asanam em sua alma.